

CONTO

ANTES DE VER A MORTE

DINÍS MIRANDA



EDITORA
SOL
VERDE

Exclusivo de internet



FICHA TÉCNICA

1ª Edição

Dezembro de 2023

Autor:

Dinis Miranda (Real DS)

Edição:

Ednardo J. Teixeira

Capa:

Dinis Miranda

Revisão e acabamento de texto:

Sete internautas escolhidos de forma aleatória

Ednardo J. Teixeira

Facebook:

Real DS

Editora Sol Verde

Whatsapp:

935723590

É extremamente proibido a reprodução

Comercialização ou distribuição deste material

Sem a prévia autorização do seu autor.

PREFÁCIO

Dizem que não existe um amor maior do que o amor de uma mãe. Sim, até aí eu concordo, mas só até conhecer o amor de um pai.

Esta história vai te fazer entender o verdadeiro amor sacrificial, a razão do porquê que os pais duram menos que as mães.

O amor no modo de voo que em palavras poucos conseguem expressar.

“Se a vida humana é o bem mais precioso, então é com muito gosto que eu decido entesourar mais um bem na conta dos meus filhos. Hoje eu descubro o verdadeiro sentido da minha existência , a razão pela qual eu fui designado pai.

Eu fecharei os olhos para que eles possam enxergar mais. Abraço o crepúsculo para que eles possam viver a cada alvorada infinitamente mais.”

Os heróis de verdade são reconhecidos na morte, mas são os seus feitos enquanto vivos que vão determinar que tipo de herói esse homem foi.

Então essa história narra os feitos de um homem antes de ver a morte.

Ednardo J. Teixeira

VELÓRIO

Com panos negros se adornava a viúva, e com os olhos fixos no espelho ela procurava entender o porquê daquele final trágico. Mário, o seu marido acabava de falecer, vítima de uma doença que a maior parte da população angolana carecia, e esta era a pobreza!

Cadeiras alinhadas em grupos faziam uma meia lua, todas voltadas para um único cenário, Mário que por todos não queriam saber, era o centro das atenções. O reverenciado cadáver, com as mãos voltadas para a coxa ele repousava em seu leito de madeira vernizado num tom marron, o semblante moribundo do homem caía nas penas dos presentes, que em uníssono lamentavam a trágica perda prematura do homem, pois ia a enterrar aos trinta e quatro anos.

E você pode estar a se perguntar; - Orroh! Já estamos aí? Que mal começo para uma história! Que história começa ao meio?

Mas esta como as demais histórias de vida não foge dos seus padrões cronológicos. Todo fim dá-se a um começo, e toda história tem o seu ponto de partida.

E a nossa começa assim!

ANTES DE VER A MORTE

Cidade celestial, sim aquela mesma da bíblia! Onde as ruas são douradas e as águas dos rios cristalinas, onde não existe noite e o tempo não é o maior recurso existencial. Pois o seu Deus é o sol que a tudo e todos ilumina. Deus desceu de seu trono e se assentou em um banco feito de madeira extraída da floresta eterna, despido de sua glória e de suas vestes divinal, Deus desceu ao mais baixo escalão da hierarquia divina e se assentou entre os anjos, com os pés descalços e vestindo apenas um manto feito pelos anjos com o mais puro linho.

E então fez-se um enorme silêncio nos céus. Todos estavam atentos a ver de perto o que se estava a passar na terra. Ai do anjo abelhudo que ousa-se fazer barulho, pois essa era uma daquelas histórias que Deus não desejaria perder nem sequer um episódio!

No interior do bairro dos eucáliptos, havia uma humilde casa, onde vivia uma família muito pobre. Eram quatro em casa, Mário o pai, Isabel a esposa, Camate, o filho de doze anos, e Fifi, a filha de quatro anos; Isabel estava grávida de oito meses, e apesar da barriga estar já grande e estar no seu último estágio de gestação, ela continuava com a venda ambulante de frutas. Levantava as cinco horas da manhã e ia a pé caminhando vagarosamente até à Shoprite para ser uma das primeiras na fila da caúla, porque a procura pelos mesmos produtos que ela vendia era tanta por parte de outras zungueiras. Ela comprava cada fruta no valor de duzentos para vender a trezentos, mas o

lucro de cem quase que era nada comparado com as necessidades da família, sem contar com os fiscais que em todo o tempo estavam atrás das senhoras, para confiscar os seus negócios, e para ter os produtos de volta elas tinham que pagar um preço equivalente a venda de uma semana toda, e momentos houve em que ela não tinha o que levar para casa a não ser um rosto inchado de tanto chorar pela dolorosa vida que eles tinham.

Isabel era a última a dormir e a primeira a acordar, noites houve em que ela não conseguia sequer fechar os olhos por causa das dores na perna de tanto andar na quitanda. Com uma vela acesa e a bíblia aberta, todas as noites ela rezava repetindo as mesmas palavras, “Aquele que oferta a semente ao que semeia, e pão ao que tem fome, também vos suprirá e multiplicará a semente e fará desenvolver os frutos da vossa fidelidade” 2 Corintios. 9:10.

Por outro lado Mário não se fazia indiferente ao sofrimento que sua família estava a passar, muitas vezes bateu currículo, se inscreveu em concursos, mas via sempre as portas fechadas, o seu passatempo era pausar na placa com os amigos ora a jogar uela ora a rolar os dados do não te irrites, mas o que ele gostava mesmo de fazer, ou melhor, o que não tinha escolha a não ser fazer era apostar em casas desportivas, fazendo fichas constantes a cada cem a duzentos kzs que ele fazia, até ao dia que conseguiu um emprego em uma padaria onde entrava as seis da manhã e saía quando a produção terminasse. Houve dias em que a produção terminava as quatro horas e ele era obrigado a voltar ao trabalho as seis horas da

manhã do mesmo dia. Trabalhava feito um escravo, com um turno bastante esforçado, de segunda a sábado sem um horário de rendição, sem férias e feriados, tendo apenas o domingo como único dia de descanso; perdido no tempo e carecendo de sobriedade ele já não se lembrava mais quando foi a última vez que dormiu pelo menos umas quatro horas, ou a última vez em que sentiu na sua pele o toque de sua mulher, pois ele passava as noites na padaria, e o salário que lhe pagavam eram uns miseros dezoito mil kwanzas, não dava para fazer nada e com a crise no país só dava mesmo para fazer táxi de ida e volta de sua mulher nas consultas pré natais e comprar uma caixa de massa, quatro cebolas, oito tomates, um quilo de sal, e óleo de medir nos sacos ou nos bidons de água mineral de um litro e meio, e olha que o bidon nem enchia.

Nas reuniões com os pais já não iam mais por falta de tempo, e a criança na escola chegava tarde, desarrumado, com ramelas nos olhos, e já não assimilava a matéria, fazendo valer o velho ditado que diz “saco vazio não fica em pé”.

Quatro de Novembro, cinco horas e trinta minutos, o sol já tomou o seu posto, ávido para realizar o seu ofício, despediu-se da lua com um beijo escaldante na promessa de um até já. E os galos intrépidos arregaçaram as suas mangas, elevaram o peito, empinaram o bico, cheios de energia e com a garganta afinada entoaram um hino de boas vindas ao operativo sol que acabava de render a lua no seu posto.

E lá estava Mário incomodado com o canto dos galos e o brilho do sol que atravessara o seu tecto devido os buracos causados pela chuva e a ferrugem. Dizem que Deus ajuda quem cedo madruga, mas no seu bairro quem acorda cedo lhe é ajudado a ter um encontro pessoal com o Criador, mas eles acordavam na fé e jogavam a vida nas mãos da sorte.

O custo de vida no seu gueto é enorme, os jovens acharam oportunidades de emprego nas esquinas e nos becos, não se sabe se se rouba por maldade ou por necessidade, mas que o diabo desfila e actua ali é uma realidade, os moradores que te contem, eu não sou um morador mas permita-me lhe contar a história de quem ali é residente!

Ora bem, Mário levantou-se da cama e com os braços fazendo um ângulo de 180 graus e a boca aberta liberando todo tipo de odor matinal, não contribuindo para o bem do ecossistema ele se expreguiçou e em seguida calçou as suas chinelas já gastas com o calcanhar beijando a terra, e a fita prendida apenas por arames esfarfados, coçou as nádegas vestidas com cuecas que sofreram mais remendos do que uma mulher que foi submetidas a três cesarianas, cobriu o seu tronco com apenas um parte escorno acastanhado e com alguns furos na parte frontal. E em seguida foi até ao seu quintal onde estava a sua mulher, já atrasada para a quitanda esfregava as últimas peças de roupas, saudou-a com um sorrizo amarelado e ricos de podridão.

- Bom dia Mulher, dormiu bem?

- Bom dia... vou dormir bem como se você tava toda noite a roncar e a se virar tipo tinhas sarna!

- Epá, um gajo tava com dificuldades pra dormir, parecia que tinha uns mambos no colchão a me picar. Mas eu tava a roncar? É mentira não tava nada txe! Mo candengue Carlito tá bater? – Era Mário respondendo a mulher e saudando Carlitos, filho da vizinha, pois viviam num quintal partilhado com outros inclinos. – Qualé a ideia cassule, aí na placa já tem pessoas?

- Nas calmas mó cota, eu ainda não sei, também acordei agora e ainda não saí fora. –Respondeu Carlitos.

- Tira então o colchão fora pra passar o dia no sol.- Respondeu a mulher para Mário.

- Vou fazer isso... Epá prepara só aí um mambo básico pra comer, vou meter o colchão fora e depois vou cair na placa, tenho aqui uns cem paus vou apostar no nanté.

- Vou preparar como, se além de ter quase nada, também estou atrasada, tenho que ir caular. Aí tem mucado de arroz, aquece só e dá também nas crianças.

Após despedir-se da mulher, pôs o colchão pra apanhar sol, tomou um banho, aqueceu as sobras do jantar para ver se ganhasse um pouco de força, matabichou na companhia dos seus filhos, e em seguida foi para a placa apostar os seus últimos cem kwanzas, na certeza de que voltaria no fim do dia com pelo menos uns quinhentos pra comprar qualquer coisa para o jantar.

- *Comekie minha família? – Era Mário saudando os tropas na placa.*

- *Profé! Na boa prof, e ali?*

Eles lhe chamam de prof porque na verdade ele é mesmo professor por formação. É formado em Mat-Física, na ex Escola de Formação de Professores (INE), achar um emprego tava complicado, e ele só pedia uma chance para fazer o teste. Trabalhando como padeiro Mário conseguia suprir as necessidades mais básicas de sua família, mas já à uma semana que estava doente, por isso é que durante aqueles dias não estavaa trabalhar.

- *Tá sebem família, tão apostar de quanto?*

- *Prof, hoje estamos a fazer de cem...*

- *Porras , só tenho aqui mesmo cem, esse é o meu último pinto.*

No mesmo dia, período diurno, em pleno recreio estudantil, Camate o filho mais velho teve náuseas e desmaiou. O alvoroço tomou conta dos colegas de turma que fizeram chegar a noticia à professora, e rapidamente dirigiu-se até aonde estava o rapaz, e com ajuda de outros colegas fizeram-no levantar e carregaram-lhe até a enfermaria.

- *Camate, Camate! - Chamava a professora pelo rapaz, na tentativa de reanima-lo.*

Camate zozzo e moribundo, tinha os sentidos confundidos pela fome, pois à dias que os céus agraciavam a sua familia com uma refeição por dia apenas, e para enganar o estômago, não comia de

uma só vez o almoço, guardava um pouco no prato para comer ao jantar.

Depois de uns vinte minutos Camate, recuperou os sentidos. Muito fraco ele pediu por água.

- O que se passou contigo Camate? – Perguntava a professora.

- Nada! – Respondeu o rapaz.

- Do nada você caiu no pátio, e ficou sem sentidos durante uns vinte minutos e me dizes que não se passou nada! Estás a me esconder alguma coisa Camate.

O rapaz tentando proteger a integridade da família e deixar a roupa suja para se lavar em casa, insitia negando explicar a causa que lhe levou a desmaiar.

Então num tom mais suave a professora passou-lhe a mão pela cabeça e disse – Comeu alguma coisa antes de vir pra escola?

- Não! – Disse o rapaz.

- Pois bem! Me acompanhe até a cantina.

Posto lá, a professora pediu duas sandes e sumos para acompanhar a refeição.

- Fica a vontade tá! – Era a professora a encorajá-lo a se abrir.

- Sim. – Com os olhos voltados para o chão e com ar de timidez respondeu o rapaz.

- Onde é que ta a tua mãe?

- Na zunga.

- E o papá?

- Em casa, ele esses dias não tá a trabalhar, está doente.

- O papa trabalha aonde?

- Trabalha numa padaria.

- E a que horas eles saem e voltam pra casa?

- A mamã sai as seis horas pra poder chegar cedo na fila da caúla, e ora chega as dezanove ora as vinte. E o papá não sei bem a que horas ele sai ou chega, normalmente passa as noites no serviço e está mais conosco aos domingos devido o trabalho, porque ele trabalha todos os dias e a toda hora.

Com os olhos banhados em lágrimas, mas sem derramar uma gota sequer, ela disse:

- E com quem vocês passam o dia? Me fale um pouco sobre o vosso dia à dia.

- Professora, não sei o que quer que eu lhe conte, não há nada de entusiasmante no nosso dia a dia.

- Gostaria que você contasse ainda assim! – Insistiu a professora.

- Tá bem! – Disse o rapaz. – Como ja disse antes, o papá trabalha duro por nós, sai numa semana para voltar noutra, e no pouco tempo que ele tem de folga, ele é cobrador de táxi que faz a via cinco de Abril/Praia Amélia, mas ultimamente não têm lhe aparecido essas fesadas e ele tem ficado conosco em casa. A mamã é zungueira, vende fruta a frente do hospital Ngola Kimbanda, ela sai de casa as seis

horas como disse antes, mas antes de sair ela deixa já comida pronta, e é essa mesma comida que comemos ao matabicho, almoço e as vezes ao jantar, ela está grávida e chega muito tarde em casa e já sem forças para fazer o jantar. Ao ir pra escola eu deixo a minha irmã Fifi na casa da vizinha porque ela ainda não estuda, só tem três anos, e quando eu volto vou lhe buscar e ficamos juntos em casa.

*- E vocês têm energia, passam o dia a fazer o quê?
- Perguntou a professora.*

- Temos mesmo, mas esses dias nos cortaram, à seis meses que não pagamos a energia, ficamos só lá, as vezes a Fifi depois de comer dorme, eu faço tarefa da escola, e depois vou brincar com os meus amigos, também lhe levo.

Após o discurso do rapaz a professora não conseguia conter mais as lágrimas e pôs-se a chorar.

O relógio marcava meio dia, e já passava da hora de voltar para casa, então Camate pede para a professora o deixar ir.

E ela por sua vez acompanha-o à casa. Direcionada pelo rapaz, a professora conduzia vagarosamente. Aproximando-se de casa, Camate avista a sua irmã num raio de uns tanto e quantos kilometros de distância, na frente do portão de casa, olhando para a estrada com lágrimas secas mescladas de ramela nos olhos, criança de três anos suja da cabeça aos pés, descalça, esbranquiçada, e cabelo

ruim, ela vestia um vestido amarelo encardido. Camate a pegou e a levou para dentro de casa.

Por outro lado, Isabel na zunga de baixo do sol bruto, vê-se obrigada a fugir dos fiscais, mas a sua condição não lhe ajudou, e foi interpelada por policiais que lhe saudaram com pontapes no negócio, xingamentos e maus tratos.

- Vocês são teimosas porra! Nunca escutam, mesmo a vos dizerem que aqui não se vende...

- Senhor Fiscal não é necessário pontapear o meu negócio, agora vou vender o quê? Tenho dois filhos pra sustentar e um a caminho, eu não comu em condições e mal eu durmo, como não vou zungar, se o mucado que levo pra casa é a zunga que me dá. Agora até esse pouco querem me tirar, se for assim podem me matar! Vamos acaba de me matar... – Isabel diz estas palavras com lágrimas nos olhos, e agarrando com força a gola do fiscal.

*- Senhora respeita autoridade e tira a mão da farda!
– Diz um dos fiscais.*

- Vocês é quem deveriam me respeitar! Não vêm a minha condição, estou grávida de oito meses e meio, pela minha condição, já não deveria mais estar aqui, mas ainda assim eu vim, porque se eu não vender, os meus filhos não vão ter o que comer. Eu sei que aqui não se vende, mas aonde eu vou vender que seja permitido por vocês? Eu não sei ler nem escrever senão procuraria um emprego melhor, nas casas não me querem, no mercado já tentamos mas até agora nada, vou fazer como senhor polícia? Vou fazer como oh sucu yaogue?

Enquanto Isabel descotia com os fiscais, alguns filmavam, outros lamentavam sussurando entre si sobre os maus procedimentos da polícia.

Naquele mesmo instante Isabel por causa dos nervos, começou a sentir fortes dores, e percebe que seu vestido estava molhado, colocando as mãos entre as pernas ela descobre que a bolsa estourou. Com ajuda dos policiais ela foi levada na patrulha até ao hospital onde entrou em trabalho de parto.

- Avisem ao meu marido! Achem o meu marido... – Isabel assustada só conseguia dizer estas palavras.

Por falta de mais informações os policiais e os enfermeiros não sabiam o que fazer, pois ninguém além dos designados a fazer o trabalho de parto podiam entrar na sala de partos.

Tendo se passado duas horas, os enfermeiros conseguiram localizar Mário, este que estava aproveitar o seu estado de saúde degradado para jogar a sorte no não te errites... naquele dia a ficha de Mário bateu duas vezes, a primeira foi a notícia do nascimento de sua filha e a segunda da aposta que facturou uns trocadinhos que não serviu pra quase nada pois com o dinheiro vinham outras necessidades. Assim que Mário chegou ao hospital dirigiu-se logo para a sala onde sua mulher estava, o homem não se conteve e pôs-se a chorar de emoção ao ver sua linda mulher segurando sua bebê.

Então ele se aproximou da cama e de joelhos no chão ele se apoiou com os braços sobre a cama e com um sorriso no rosto ele disse; – Matondo! - Que

quer dizer obrigado na língua Kikongo, pois Mário era Bakongo.

- Ela vai se chamar Matondo? – Perguntou Isabel.

- Sim! Porque apesar da nossa condição financeira Deus nos deu uma linda menina saudável. – Respondeu Mário.

E os dois louvaram a Deus por aquela bênção.

Após Isabel e a bebê serem submetidas as últimas observações pelos médicos, elas foram dispensadas e voltaram para casa.

Dois meses depois, e as coisas na casa de Mário tornaram-se mais complicadas, já era difícil sustentar a família quando eram quatro, mas agora eram cinco, e bebês precisam de cuidados especiais. Se necessitava mais de dinheiro do que nos tempos anteriores.

E como doença não avisa e nem bate a porta. Fifi a menora de casa adoeceu, sentia fortes dores de cabeça e fazia febres durante as noites, as tentativas de Isabel para parar a febre viam-se ineficazes, pois ela utilizava pano humido sobre a testa da criança e ja lhe levava para três consultas e os resultados foram negativos. Até ao momento que um dos doutores pediu a mãe para lhe submeter a um raio x, para ver na verdade o que se passava com a cabeça da criança, então assim a mãe o fez, levou a criança ao hospital Ngola Quimbanda onde a menina teve o seguinte diagnóstico:

- Hora bem! Dona Isabel, sente-se por favor. – Falava o Médico.

- Ah! Obrigada senhor Doctor. – Respondeu Isabel.

- Dona Isabel, nós já temos os resultados dos exames que submetemos a sua filha. Mas antes de tudo eu queria lhe oferecer um copo de água.

- Não doutor, muito obrigada! – Respondeu Isabel.

- Eu insisto dona, a senhora vai precisar!

Isabel assustada disse; - Doutor não me de mais rodeios, diz logo o que a minha filha tem?

O doutor concentrou-se e pegou nas folhas do raio x, e com o dedo apontou para uma nodosa negra do tamanho de um feijão no crânio da criança e disse; - A senhora consegue ver este ponto negro?

Isabel responde sim!

Continuava o doutor. – Esta chapa foi tirada na cabeça da sua filha, e o ponto negro que a senhora está a ver é o princípio de um Tumor no cérebro, a menina já está no estágio dois da patologia, e esse tumor deve ser rapidamente tratado, senão pode crescer mais e aí não terá como elimina-lo.

Enquanto o doutor falava Isabel começou a chorar!

“Meu Deus, que mal te fizemos, o Senhor mais do que ninguém sabe da nossa situação financeira, mal conseguimos nos sustentar, eu tenho uma bebê de dois meses, a situação não está e nunca esteve fácil, e ainda nos vem essa doença de ricos! Mas

será que tem sido pouco o esforço que temos feito, as nossas orações não sobem a ti”?

Estas foram as palavras de Isabel no seu momento de angústia. E enquanto ela chorava, era acalmada pelo doutor.

Passados dois dias, isto é, num domingo, Mário regressou à casa onde se deparou com esta triste notícia. Inconformado e não saber o que fazer naquele momento ele se isolou num canto da casa e pôs-se a chorar pela sua filha, após uns momentos de pranto ele reuniu forças e voltou a vista de todos em casa, e chamou pela Fifi que tão logo que lhe apareceu aos olhos o abraçou com muita força e em seguida deu-lhe um beijo na testa, e naquela noite ele não permitiu que ela saísse de perto de si.

No dia seguinte ele tinha que sair muito cedo por conta do trabalho, então ele levantou as quatro horas da manhã, despediu-se de sua esposa na promessa de lhe trazer boas notícias, e depois foi até ao quarto das crianças aonde ainda estavam a dormir, então ele se aproximou lentamente e sem fazer barulho ele beijou a testa do Camate e da Fifi, onde ele teve muita dificuldade de se despedir.

Então ele pôs-se a andar, indo na labuta diaria, mas naquele dia com alguns crescimentos no seu fardo.

Assim que ele chegou ao serviço, preparou as condições de trabalho enquanto esperava pelo seu gerente. E quando o gerente chegou, Mário pediu

um minuto ao gerente, que lhe disse para ir ter com ele ao escritório.

- Com licença! – Pedia Mário ao entrar.

- Sim! Pode entrar, sente-se por favor... – Disse o gerente.

-Obrigado Boss!

-Hum, no que eu posso lhe ajudar?

-Boss, estou com uma situação muito complicada, e preciso da ajuda do Boss para resolve-la.

-Sim, pode expor. Qual é a tua situação?

- A minha situação é a seguinte: A minha filha está doente, e ela foi diagnosticada com um tumor no cérebro , os médicos disseram que tem dois meses e que está no segundo estágio, e que se não for tratado logo, corre o risco de crescer e não ter mais cura. Então, eu preciso que o Boss me faça um especial favor e me dê um adiantamento de dez meses para poder tratar a doença da minha filha.

- Epa! Primeiramente eu queria dizer que sinto muito pela sua filha e pelo terror que a sua família está a passar neste momento; mas eu não vejo como lhe ajudar. Esta quantia que você me pediu é muito elevada e não temos esse todo dinheiro na reserva, se eu te dar poderemos ficar sem alguns produtos na padaria e alguns dos teus colegas poderão ficar sem salário. Por tanto, eu sinto muito mais não posso lhe ajudar! – Disse o gerente.

- Mas Boss, faz só um especial favor, eu já não sei mais aonde recorrer...

- Vai me desculpar Mário, mais eu não estou a ver como lhe ajudar, se estivesse ao meu alcance é claro que eu lhe ajudaria, mas sinceramente não posso. O máximo que eu posso fazer é lhe dar um adiantamento de cinco meses apenas, mas isso não seria suficiente para o tratamento. Então, pega esse valor e vai acrescentar num outro lugar.

Mário via as suas tentativas serem frustradas a cada porta que ele batia, e a cada ajuda que ele pedia, chegou até de pedir ajuda aos seus familiares que moravam em Luanda e aos do Uíge também, mas em momento nenhum teve sucesso, todos diziam a mesma coisa “Não tenho dinheiro”, “vamos ver no mês que vem”, “pede ainda no mano fulano”.

Ele jogava Quixiquila, mas estava muito longe a sua vez de receber, explicou a sua situação, mas ninguém teve a coragem de lhe ceder a vez, porque cada um estava preocupado com os seus afazeres e ávidos pela sua vez.

Já desesperado e sem esperança nenhuma, Mário decide caminhar pela praia, os pés descalços beijavam a areia, com um olhar profundo e a mente desligada de tudo e de todos ao seu redor, Mário procurava alívio de seus fardos entre as calemas do mar. Esperançoso por um milagre, ele rezava para que Deus fizesse uma das suas maravilhas que muito ouvia na igreja, mas parecia que cada palavra cedida por ele eram como pequenas migalhas jogadas ao mar na esperança de receber um pão inteiro.

Fazia-se tarde e o sol estava a se pôr, após os últimos bocejos despediu-se de Mário, deitando-se no oceano atlântico cobriu-se com mantos de águas. Pouco antes das dezanove horas, Mário regressava à casa e durante o seu trajecto ele deparou-se com um grupo de jovens que estavam a sair do trabalho, e que conversavam entre sim... foi então que um dos jovens disse:

- Txe! ui vocês também ouviram essa?

- O quê mais ui? – Em unísono perguntaram os demais colegas.

- Manos ouvi que o boss está hospitalizado, e que está a precisar de um transplante de coração.

- Txe... brinca bem, qual boss, o Paulo? – Perguntou um deles.

- Não ui, o boss Mário, pai dele. – Continuava o jovem. – É que estão a dizer que o cota prometeu dar 10 milhões de kwanza para quem doar o seu coração.

- Atxi! Assim mesmo talo 10 milhões vou fazer com ele o quê se já não vou ter popu coração... Deixa morrer. – Respondeu um deles com um sotaque do sul.

- Com licença, - Era Mário a tentar entrar na conversa – desculpa manos, epá não pude deixar de ouvir a vossa conversa, isso que o mano ai disse é mesmo verdade?

- Oh mano vou brincar com uma coisa dessas! Eu ouvi na boca do próprio genro dele a conversar com o boss Paulo hoje...

Mário perplexo e sem dizer mais nada retira-se do seio dos jovens, ele todo trémulo e pensativo o que viria a ser aquilo que ouviu. Será que era uma resposta de Deus ou uma simples coincidência. O dono de uma das melhores empresas de pescas da província estava internado e precisava de um transplante de coração, e a quem doa-se era prometido uma recompensa de 10 milhões de kwanzas, essa notícia mexeu com os sentidos de Mário, que depois de ouvir essa informação já não conseguia mais comer.

Horas se passaram mais o homem não conseguia parar de pensar na recompensa, era muito dinheiro para os seus ouvidos, e era muito mais do que ele precisava para tratar a doença de sua filha, e ainda sobrava para tirar a sua família daquela situação.

Ele passou toda aquela noite a pensar como aquele dinheiro lhes seria útil, e também não parava de pensar no preço que todo aquele dinheiro requeria, era um preço muito alto para uma quantia muito elevada. Mas valia a pena um preço tão alto pela sua família, pelo menos o dinheiro e a tranquilidade os consolariam.

Na manhã seguinte Mário acordou decidido em fazer a coisa certa e a coisa certa para ele era doar seu coração em prol da sua família.

Despediu-se da família dizendo que ia trabalhar.

Então, ele esperou seu gerente chegar, e pediu demissão na certeza de não poder vir a precisar de trabalhar mais. O gerente não entendeu a razão do porquê que ele tomava aquela decisão visto que

precisava tanto do dinheiro, mas ele notou uma consistência nas suas palavras que lhe fez não ousar a perguntar o porquê daquela decisão repentina.

Mário sabia que não podia se despedir da sua família então o máximo que ele poderia fazer naquele momento era ficar numa das esquinas que dava acesso a sua casa e de longe espreitava a sua família, e naquele momento ele conseguiu ver sua mulher, seu bebê, e seu filho mais velho, só não conseguiu ver a sua filha Fifi que estava doente e acamada, razão esta que lhe causou muito sofrimento antes de ver a morte.

Em seguida ele foi ao hospital e apresentou-se como um dos voluntários, não sei se foi graças a Deus ou a quem devemos dar graças, mas depois de alguns critérios de avaliação, Mário foi escolhido como doador oficial, notícia está que lhe causou muita alegria mais ao mesmo tempo sofrimento, não sabia se poderia rir ou chorar, estava envolvido em sentimentos bipolares, uma sensação misturada de querer e não querer, mas a necessidade falava mais alto e como Cristo, ele desejava que passa-se dele aquele cálice, mas em todo momento ele se recordava que não fazia a sua vontade mais a vontade da sua família.

Uma hora antes dele entrar na sala de cirurgia, foi chamado para sala do doutor reponsavel pelo hospital, onde ele leu e assinou o termo de responsabilidade, e fez um pedido.

-Posso escrever uma mensagem para a minha família, é que eu vim pra cá e não tive tempo de me

despedir? Então queria tecer as últimas palavras e deixar algumas orientações para a minha família. – Mário falava com lágrimas nos olhos.

- Sim. O senhor está a vontade, é livre de o fazer, só não se esquece de nos dar o endereço de sua família. – Disse o doutor.

Na sala com Mário estavam o doutor, e dois representantes do senhor a quem seria doado o transplante.

Numa folha de papel Mário escreveu o seu último desejo, e o que ele escreveu foi colocado junto com os documentos do contrato, e o mesmo seria levado para a sua família.

- Senhor, chegou a hora! – Disse o doutor a Mário.

E Mário sem voz acenou com a cabeça, dizendo que sim. E lá foram eles, a cada passo que ele dava no corredor do hospital ele refletia no bem estar de seus filhos, ele queria congelar aquele momento e viver naquele corredor por mais dez anos. Ele via beleza em coisas que achava insignificante, naquele instante ele conseguiu entender o idioma dos ventos e conseguia ouvir o assubio dos pássaros a kilometros de distância, a cada sala que passavam, ele desejava estar no lugar daqueles doentes para viver mais um pouco e não ver a morte tão cedo.

Tin tin tin tinnnnnn! Mário acabava de falecer.

-Quinze horas e quarenta e cinco minutos, marquem a hora do falecimento... E depressa, vamos iniciar com o outro procedimento.

Na manhã do dia seguinte, o doutor e dois representantes do senhor a quem foi doado o coração, visitaram Isabel.

Isabel assustada, não sabia o que estava acontecer, pois nunca tinha recebido uma visita daquele gênero. Três homens vestindo ternos preto, bem apresentados descendo de um Lexus Patrol preto de vidros fumados, calçando sapatos pretos de solas secas bem engraxados como se nunca tivessem beijado o pó da terra, pareciam até com os personagens do filme MIB “Homens de Negro”, e nas mãos de um deles tinha um mala preta onde estavam contidos os documentos que mudariam a vida da Isabel e de seus filhos.

Ela os recebeu e pediu para que se sentassem, não tendo muito o que oferecer, os homens se sentaram em cadeiras de plásticos azuis encardidas com lama.

Então um deles tomou a palavra e explicava a razão deles estarem ali, e não terminando de falar, Isabel começou a convulsar e por fim desmaiou. Auxiliada pelo doutor, ela foi reanimada, não acreditando naquilo que estava a ouvir, ela perguntou outra vez, e lhe deram a mesma explicação, Isabel não aguentou e pôs-se a chorar amargamente.

As crianças ouvindo a mãe a chorar, saíram do quarto e pararam na porta vendo a mãe chorar, ela os chamou e lhes abraçou fortemente enquanto chorava.

- Mamá tá chorar quê ? – Perguntou a Fifi.

Isabel ao ouvir isso de sua filha, não sábia como explicar, e só falava “o papá, o papá”! Os homens depois de verem aquela cena, não viram forma de continuar com o seu discurso e tiveram que se retirar com a mala e os documentos do contrato e com eles estava a carta.

Até ao dia do funeral Isabel só sábia que o seu marido morreu por doar o coração, mas não sábia a principal razão que lhe levou a fazer aquilo.

Depois do funeral as pessoas passavam de forma aleatoria umas após as outras para dar as condolências à Isabel. E naquele mesmo instante um senhor de idade se aproximou e disse, “dona eu sinto muito, se não se importasse eu gostaria de trocar algumas palavras contigo em privado, por favor”! Mas Isabel não podia falar naquele momento.

O senhor esperou que todo mundo se retirasse, e no final do dia, tendo ficado apenas Isabel com os seus familiares, o senhor se aproximou e pediu uma palavra em privado a viúva.

-Muito obrigado pela oportunidade. Por coincidência também chamo-me Mário, eu sou dono da empresa de pescas Sicopal, e nos dias anteriores eu estava muito doente, se eu estou aqui hoje é graças ao seu marido, fui eu a quem foi doado o coração do seu marido. Na verdade não me foi dado de graça, eu prometi que daria uma recompensa de dez milhões de kwanzas a quem doasse, e o seu marido se voluntariou e foi seleccionado. Então eu vim aqui hoje porque tenho uma dívida para com a sua família, eu não sei por que razão ele aceitou fazer

isso, mas deve ser por uma causa nobre. Eis aqui os documentos, e ele deixou uma carta para a senhora.

Ouvindo aquilo, Isabel pôs-se a chorar. Então ela pegou nos documentos junto com a carta e tentou abri-los, mas ela não conseguia, concentrou-se e reuniu todas as forças que lhe restavam naquele momento e leu a carta.

“Muitas são as palavras que eu queria vos dizer neste momento, mas aproveito este pouco tempo que me resta e vos escrevo o necessário, sei que quando esta carta for lida já não estarei entre vocês, e que a princípio vocês não vão entender nem suportar, mas era o necessário a se fazer. Eu não me arrependo de fazer isso, meu único arrependimento é de não poder vos dar o que vocês merecem. Se a vida humana é o bem mais precioso, então é com muito gosto que eu decido entesourar mais um bem na conta dos meus filhos. Hoje eu descubro o verdadeiro sentido da minha existência, a razão pela qual eu fui designado pai.

Eu fecharei os olhos para que eles possam enxergar mais. Abraço o crepúsculo para que eles possam viver a cada alvorada infinitamente mais.

Isabel, me promete que você não vai ficar de luto por muito tempo, aproveite e viva a sua vida, cuide das crianças, faça negócios, sê prospera. Camate meu filho primogênito, eu quero que você cuide da mamã, e das tuas irmãs, nunca se esqueça disso, o papá te amava muito, e estará sempre ao teu lado, não larga a escola, se foca nos estudos, esse é o feitiço dos pobres. E Fifi minha linda princesa, o papá te

ama, e uma das razões pelas quais eu estou a fazer isso é você, eu quero que na minha morte você ache vida, e que viva por mim também, pois eu morrerei por ti, eu queria ter mais tempo para te abraçar e lhe ver a crescer, mas eu prometo que em todo momento estarei do seu lado e lhe protegerei lá dos céus. Minha família, me perdoem pelo que estou a fazer, mas eu faço por vocês e não por mim, muito obrigado pela alegria e o amor de vocês, beijos, papá”.

E novamente Isabel chorou amargamente depois de ler a carta.

Meses depois, Fifi foi operada, e viu-se livre do tumor.

Passado um ano e meio, Isabel comprou um terreno nos arredores do bairro Saily Mingas II, construiu a sua própria casa, abriu uma grande loja e também um salão de beleza, sem falar de outros empreendimentos que ela foi criando com o tempo, todos colocados em nome de seus filhos. A origem de tudo isso foram os dez milhões que com a ajuda de Deus ela conseguiu triplicar.

Eu queria dizer que eles viveram felizes para sempre, mas esta aqui não é um conto de fadas, isto está mais parecido com as histórias da Blum House ou com os contos de Biju Garizim, isto são factos de uma vida real.

SOBRE O AUTOR



Dinís Da Silva Miranda (Real DS), natural de Luanda capital da República de Angola, nascido aos 06 de Agosto de 1999, é o quarto filho de seis irmãos, formado em Engenharia Mecânica Naval na FCP-UNINBE, é apaixonado pela literatura desde a tenra idade, começou a escrever quando criança, endereçava algumas cartas às colegas de escola, mas ele teve a certeza de que a escrita não era apenas uma sensação momentânea ou fruto de paixões antigas aos 18 anos quando de forma intensificada compilou aquele que seria o seu primeiro livro de poemas, “Os meus delírios” e não chegou de lançar, por razões de prioridades.

Lançou o seu primeiro livro “R.I.P - Rest in Peace” aos 2 de Junho do presente ano, livro este que foi uma homenagem ao seu falecido irmão Lucas Miranda que sua alma descanse em paz.

“Antes de ver a morte” é a sua segunda obra, tendo em carteira outras obras que assim como estás, prometem ser de prender a atenção dos leitores.

“O Nosso Grémio”

2023 ©